

AS INVENÇÕES DE LÉLIO: O PASTICHE NAS "BALAS DE ESTALO", DE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis colaborou para a seção "Balas de Estalo" do jornal carioca *Gazeta de Notícias* entre 1883 e 1886, utilizando o pseudônimo de Lélio para comentar os fatos ocorridos durante a semana com humor e sagacidade. São 125 textos em que o cronista discorreu a respeito de temas polêmicos da época, como os elevados custos da Monarquia, o crescente interesse pela República, a substituição do escravo pelo imigrante chinês ou europeu e também assuntos do cotidiano, como o comportamento mais adequado a ser seguido pelos passageiros de bondes, os espetáculos de teatro apresentados, modismos e mudanças de nomes de ruas. Por meio dessas "Balas" é possível conhecer melhor a sociedade brasileira oitocentista e descobrir mais uma faceta do talento versátil de Machado: a de retratista fiel de uma época.

Nessas crônicas, escritas "ao correr da pena", mesclam-se expressões populares e citações eruditas; estas últimas revelam o patrimônio cultural do escritor fluminense e seu profundo conhecimento da obra de Shakespeare, Dante e Molière. Interessam-nos, mais de perto, as marcas francesas presentes nesses textos, pela sua impressionante frequência e diversidade. O colaborador da *Gazeta* cita Racine, Corneille e Victor Hugo, mas também recorre a *vaudevilles*, operetas, canções infantis e revolucionárias francesas. Demonstra conhecer Pascal e Beaumarchais, mas revela acompanhar de perto a produção teatral de Scribe e Feuillet. Alude ao clássico Montaigne e ao então moderno Cousin, às fábulas de La Fontaine e aos artigos da *Revue des Deux Mondes*; não cita, entretanto, os "modernos" Zola e Flaubert. Reproduz os trechos citados com fidelidade ou faz pequenas alterações. Por vezes, atribui a um poeta versos de outro, une duas citações de autores diferentes, ou as traduz e adapta, tornando difícil a tarefa do pesquisador que trabalha com fontes.

Em certas crônicas, Machado de Assis cita trechos que teriam sido retirados de obras consagradas da literatura francesa. A leitura mais atenta revela tratar-se de um pastiche, cuja identificação poderá contribuir para uma compreensão mais profunda e exata do talento machadiano.

Antes, porém, faz-se necessário caracterizar a prática do pastiche, frequentemente confundida com a da paródia. Ambas pressupõem um diálogo com o leitor e com outros textos lidos anteriormente, ou seja, é necessário que o autor, cujo texto será transformado ou cujo estilo será imitado, seja conhecido – e reconhecido. Da mesma forma que o funcionamento do pastiche,

le fonctionnement même de la parodie exige que l'oeuvre parodiée soit reconnaissable sous son hypertexte, c'est-à-dire qu'elle soit suffisamment "grande", connue, pour être identifiée par les lecteurs. [...] Il faut que le lecteur reconnaisse la présence, dans un texte, d'un autre texte; qu'il identifie cet hypotexte et qu'il mesure l'écart existant entre cet hypotexte et le texte parodique.¹

Esta seria, entretanto, a única semelhança entre paródia e pastiche. Segundo Daniel Sangsue, a primeira transforma um texto, enquanto o segundo imita um estilo, uma maneira e tem como alvo uma escola, um gênero literário.

Duas crônicas foram selecionadas para se demonstrar a capacidade machadiana de escrever à maneira de autores consagrados. A primeira data de 15 de agosto de 1883:

Um articulista anônimo, tratando há dias do uso da folga acadêmica nas quintas-feiras, escreveu que Moisés e Cristo só recomendaram um dia de descanso na semana, e acrescenta que nem Spencer nem Comte indicaram dois.

Nada direi de Spencer; mas pelo que respeita a Comte, nosso imortal mestre, declaro que a afirmação é falsa. Comte permite (excepcionalmente, é verdade) a observância de dois dias de repouso. Eis o que se lê no Catecismo do grande filósofo.

O dia de descanso deve ser um e o mesmo para todas as classes de homens. Segundo o judaísmo, esse dia é o sábado; – e segundo o cristianismo é o domingo. O positivismo pode admitir, em certos casos, a guarda do sábado e do domingo, ao mesmo tempo. Tal é, por exemplo, o daquelas instituições criadas para a contemplação dos filhos da Grã-Bretanha, como sejam, entre outras, os parlamentos de alguns países, etc. E a razão é esta. Sendo os ingleses, em geral, muito ocupados, pouco tempo lhes resta para ver as coisas alheias. Daí a necessidade de limitar os dias de trabalho parlamentar dos ditos países, a fim de que aqueles insulares possam gozar da

¹ SANGSUE, Daniel. *La parodie*. Paris: Hachette, 1994. p. 78-84.

vista recreativa das mencionadas instituições. (Cat. Posit., p.302).

Rio de Janeiro, 3 do Brigadeiro José Anastácio da Cunha Souto de 94 (14 de agosto de 1883)²

O Brasil da segunda metade do século XIX conheceu uma grande transformação cultural, devido às novas correntes filosóficas europeias difundidas pelo mundo. A nascente burguesia não escondeu seu interesse pelas ideias novas, em circulação desde o início do século e, a partir de 1870, assumiu papel fundamental na sua divulgação: "É dessa burguesia, formada por militares, médicos e engenheiros – mais próximos das ciências positivas, graças à índole de suas profissões – que irá surgir o movimento positivista no Brasil".³

No ano de que tratamos, 1883, os positivistas brasileiros lançaram a *Circular Coletiva*, com tendências cada vez mais religiosas, fiéis à doutrina do "Mestre". Esse ano também testemunharia a ruptura com os parisienses e o "cisma" entre Miguel Lemos e Pierre Laffite, culminando com uma gradual diminuição de "discípulos" no Brasil. Para os fervorosos adeptos de Comte, entretanto, só havia motivos de comemoração. Em 19 de janeiro desse mesmo ano, o jornal *A Província de São Paulo* publicou uma notícia festiva:

Comemoração Positivista

Hoje, 19 de janeiro, o Centro Positivista desta cidade soleniza o aniversário natalício de Auguste Comte, inaugurando os cursos públicos noturnos e gratuitos para operários [...] Não se podia honrar de melhor maneira a memória do grande reformador, aquele que incontestavelmente sistematizou a moderna orientação filosófica, e portanto, a civilização da humanidade.⁴

² ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994. p. 412, doravante designado *O.C.*

³ CRUZ COSTA. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p.128. Segundo o autor, a primeira manifestação social de positivismo no país foi feita por Francisco Brandão Júnior, em 1865, ao escrever um documento sobre a escravidão, repleto das ideias de Auguste Comte. Em 1874, surge a primeira obra de divulgação do positivismo, escrita por Pereira Barreto e, a partir de então, a doutrina de Comte se espalhou pelo Império, fundando-se, em 1878, a Sociedade Positivista do Rio de Janeiro que se transformou, três anos depois, sob a direção de Miguel Lemos, na primeira Igreja Positivista do Brasil.

⁴ *Província de São Paulo*, 1883, p. 3.

Em 22 de março, o jornal carioca *O Corsário* publicou um artigo de primeira página comentando a vida e a obra de Auguste Comte. Cinco meses depois, Lúlio afirmou estar citando o *Catecismo Positivista* para ilustrar uma teoria a respeito do descanso semanal, chegando até mesmo a fornecer o número da página em que se encontrava o texto. Pura imaginação.

Envolto em um ambiente positivista, cercado por adeptos fervorosos de Comte, Machado de Assis não poderia ignorar a existência do famoso filósofo. Entretanto, em vez de citar trechos autênticos do *Catecismo*, o escritor brasileiro inventou um parágrafo, cujo conteúdo é totalmente absurdo, e o atribuiu ao "pai da sociologia", realizando um pastiche ousado de um texto considerado lei para tantos discípulos. Após a leitura do *Catecismo Positivista*, verifica-se a inexistência de tal trecho.

Ao comentar o uso das folgas acadêmicas nas quintas-feiras, Lúlio sugere ser esse procedimento aceitável, pois Comte, o "grande filósofo", admite dois dias semanais de repouso. Esta conduta já seria adotada pelo "parlamento de alguns países" na intenção de proporcionar aos ingleses a "vista recreativa das mencionadas instituições".⁵ É evidente que ao mencionar "alguns países", Lúlio está-se referindo ao Brasil. Em crônica de 19 de julho de 1888, sob o pseudônimo "Boas Noites", Machado de Assis volta ao assunto, de maneira menos velada:

Não gosto de ver censuras injustas. Há dias, um eminente senador disse que a Câmara dos Deputados era a câmara de dois domingos, e disse a verdade, porque ali um sábado e um domingo são a mesma cousa. [...] Sejamos justos. A Câmara, não fazendo sessão aos sábados, obedece a um alto fim político: – imitar a Câmara dos Comuns ingleses, que nesse dia também repousa. Deste modo, aproxima-nos da Inglaterra, *berço das liberdades parlamentares*, como dizia um mestre que tive [...].⁶

Como se vê, o escritor brasileiro volta a comparar a Câmara dos Deputados à Câmara dos Comuns.

⁵ ASSIS, Machado de. *O.C.*, cit., p. 419.

⁶ *Idem*, p. 496.

Outro fator decisivo para a comprovação do pastiche feito pelo cronista refere-se à data inserida no fim do texto: "Rio de Janeiro, 3 do Brigadeiro José Anastácio da Cunha Souto de 94". Procedimento criado por Comte e seguido por seus discípulos, o calendário positivista não equivalia ao nosso: possuía treze meses, em vez de doze e cada um era dedicado a uma figura importante para a humanidade. Moisés, Homero, Dante e Shakespeare são alguns exemplos. A imitação de Lélío, portanto, seria bastante verossímil se ele não tivesse escrito o nome da capital do Império na parte relativa à cidade, nem tivesse usado o nome de Cunha Souto referindo-se ao mês.

Cunha Souto pertencia ao exército nacional, como explica o próprio cronista. Ele inicia a "Bala de Estalo" do dia 15 de agosto tratando da "tristeza dos generais da armada" que sofriam com a vontade de possuir uma "denominação nova". A melancolia foi resolvida por meio da alteração de suas denominações, e Lélío observou ser tal método também utilizado em relação às ruas: "Quando alguma destas padece de falta de iluminação ou sobra de atoleiros, a Câmara muda-lhe o nome. Rua de D. Zeferina, Rua de D. Amália, Rua do Comendador Alves, Rua do Brigadeiro José Anastácio da Cunha Souto; *c'est pas plus malin que ça*."⁷

Para tratar da folga acadêmica às quintas-feiras, Lélío recorda o longo descanso da Câmara brasileira e o justifica como imitação da Câmara inglesa. Não poupa um militar cuja ambição era ver seu nome escrito em uma placa de rua. Ao tecer todos esses comentários, o cronista faz um pastiche do texto de um respeitado – e seguido – filósofo francês, inserindo seu hipotético discurso em um contexto nacional, colocando-o à mercê de suas próprias ideias e submetendo-o ao ambiente popular e jocoso de uma "Bala de Estalo".

Não se trata, portanto, de uma citação, mas de um pastiche, revelador não apenas da força de pensamento do filósofo francês entre nós, mas também da possível participação de sua teoria em fatos políticos e sociais do Brasil.

A outra crônica objeto de estudo deste artigo data de 16 de dezembro de 1883:

⁷ ASSIS, Machado de. *O.C.*, p. 418. A citação em francês pode ter sido retirada do livro *Les misérables*, de Victor Hugo, conforme demonstrei em pesquisa realizada anteriormente. In: CALLIPO, Daniela M. *Viagem ao passado romântico: presença hugoana nas crônicas de Machado de Assis*. São Paulo, tese de doutoramento em Língua e Literatura Francesa. USP, 2004.

Valentim Magalhães perdeu uma bela ocasião de não ficar zangado. As suas Notas à margem, de ontem, são uma das mais odiosas injustiças deste tempo, aliás, tão farto delas.

Não tenho nada com os quatro bacharéis em direito que foram ao enterro de Teixeira de Freitas, nem com os que lá não foram. Entretanto, podia lembrar ao meu amigo Valentim Magalhães, que algum motivo poderoso, embora insignificante, pode ter causado a escassez de colegas no enterro; por exemplo, a falta de calças pretas.

Por mais poeta que seja, Valentim Magalhães tem obrigação (visto que está na imprensa) de compulsar os documentos oficiais e comerciais, os livros dos economistas, as tabelas de importação e exportação. Se o fizesse, saberia que todos os anos, desde fins de novembro até princípios de março, os países quentes exportam para a Groelândia grande número de calças pretas. Nos países frios, a exportação verifica-se entre abril e agosto. Este fenômeno tem sido objeto de profundas cogitações. Laveleye (*Du vêtement humain*, p. 79) afirma que o consumo imoderado de calças pretas entre os groelandeses há de produzir imensa alteração nos hábitos europeus. Eis as próprias palavras do economista belga: "*Je crois même, avec de bons auteurs, que dans un siècle l'Europe ne portera plus que de pantalons gris, jaunes ou même bleus, car il est averé qu'avec nos moyens chimiques c'est impossible de teindre une telle quantité de pantalons noirs. Il faudra, ou changer nos habitudes, ou supprimer les groelandais (sic).*" Leia Valentim Magalhães o *Jornal dos Alfaiates* (tomo XVII, pág. 14) e achará que, nos últimos dez anos, a exportação de calças pretas da Europa e dos Estados Unidos atingiu a dez milhões de exemplares.

Essa pode ser a causa da escassez dos amigos e colegas. Essa foi também a causa da pouca gente que acompanhou Alencar ao último jazigo. Alencar morreu em dezembro. Também ele era jurisconsulto, e era romancista, orador e político. Não era só isso: era o chefe da nossa literatura. Poderemos crer que a pouca gente no enterro dele era uma expressão de indiferença? De nenhum modo.

Mas, em suma, nada tenho com os mortos. Vivam os vivos!"⁸

Teixeira de Freitas (1817-1883) foi um grande jurista brasileiro. Natural da Bahia, formou-se em Direito na Faculdade de Olinda e marcou profunda influência no nosso direito e até no estrangeiro. Ao falecer, estava privado da razão, "em virtude do excesso de estudo".⁹ Deixou uma obra clássica nos meios jurídicos: *Consolidação das leis civis*. Escreveu também *Projeto do Código Civil e Formulário dos contratos*.

Em 15 de dezembro de 1883, a *Gazeta de Notícias* publicou na primeira página a coluna "Notas à Margem", sempre assinada pelo diretor de *A Semana* e mais tarde

⁸ ASSIS, Machado de. *Crônicas de Lélío*. R. Magalhães Júnior (Org.). São Paulo: Ediouro, [19-]. p. 47.

⁹ DICIONÁRIO enciclopédico brasileiro. Porto Alegre: Globo, 1943. p. 1433.

fundador, com Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, Valentim Magalhães. Comentando a morte de Teixeira de Freitas, o articulista indignou-se:

A pátria, que o Dr. Teixeira de Freitas ilustrou e honrou nobremente, não lhe correspondeu nunca, nunca teve uma cadeira de legislador para oferecer a este legista profundo, nunca soube descobrir um prêmio, uma distinção com que galardoasse o filho benemérito[...].

Ah! para o Dr. Teixeira de Freitas foram demais as quatro linhas no *Jornal* e os quatro bacharéis no cemitério.

O *Jornal do Commercio* não foi o único a comentar a morte do jurista. O jornal *A Província de São Paulo* também trouxe uma notinha na primeira página da edição de 15 de dezembro:

Faleceu anteontem na corte o grande jurisconsulto dr. Augusto Teixeira de Freitas, autor de *Consolidação das Leis Civis* e de outros notáveis trabalhos de jurisprudência. Contava 67 anos e nesses últimos tempos padecia de notório enfraquecimento mental.

A revista *Gazeta Literária*, em sua sexta edição, de 24 de dezembro, foi mais eloquente e dedicou duas páginas inteiras à biografia completa do jurista, chamando-o uma das "maiores glórias do país".

Tentando explicar o pequeno número de pessoas presentes no enterro de Teixeira de Freitas, Lélío publica a crônica a que nos referimos e sugere uma solução que teria sido dada por Laveleye.

Solução estranhíssima para um barão tão respeitado. Émile-Louis-Victor de Laveleye, nascido em Bruges em 1822 e morto em Doyon em 1892, foi um dos mais célebres economistas belgas do século XIX. Colaborador da *Revue des Deux Mondes*, da *Fortnightly Review* e de várias revistas da América do Norte, foi nomeado, em 1863, para a cadeira de economia política de Liège, onde se mostrou "*ardent libéral*".¹⁰ Membro correspondente da Academia de Ciências Morais e Políticas de Paris, em 1869, o barão era uma autoridade em assuntos agrônômicos.

¹⁰ NOUVEAU Larousse illustré. Paris: Larousse, [19-]. v. 5, p. 605.

Laveleye deixou uma obra extensa e variada, de que se pode destacar: *L'agriculture belge, De la propriété et de ses formes primitives, Des causes actuelles de guerre en Europe et de l'arbitrage, Essai sur l'économie rurale de la Belgique, Études historiques et critiques sur le principe et des conséquences de la liberté du commerce*. Os livros mais citados no Brasil, entretanto, foram: *Eléments d'économie politique*¹¹ e *L'instruction du peuple*.

L'instruction du peuple tem uma relevância maior ainda no Brasil.¹² O livro foi citado mais de vinte vezes por Rui Barbosa no *Discurso proferido na Câmara dos Deputados por ocasião da Reforma do Ensino Secundário e Superior*, na sessão de 13 de abril de 1882 e no *Discurso proferido na Câmara dos Deputados por ocasião da Reforma do Ensino Primário*, na sessão de 12 de setembro do mesmo ano. Além de citar a obra acima, Rui Barbosa também se serviu de informações contidas em dois outros livros de Laveleye, *Lettres d'Italie* e *La Prusse et l'Autriche depuis Sadowa*, o que mostra ser o economista belga bastante conhecido e muito respeitado por suas ideias.

Machado de Assis cita uma passagem da obra *Du vêtement humain* de Laveleye, para explicar a escassez de calças pretas. Tal obra, porém, segundo nossa pesquisa, não parece ter existido. Não há, nem mesmo um capítulo com esse título nas muitas páginas escritas pelo barão, o que nos levou à conclusão de que o escritor brasileiro tenha inventado o título do livro ou do capítulo, a passagem e o número da página na qual estaria inserida. A invenção parece ser bastante possível. Laveleye também não escapou da criatividade do escritor carioca e do seu talento em servir-se do pastiche.

¹¹ Em *Eléments d'économie politique*, Laveleye discute temas como a influência da natureza na produtividade do trabalho, o estabelecimento do equilíbrio entre a produção e o consumo, a balança do comércio, a importância do trabalho para o homem, o valor real dos bens de consumo e a relação entre o salário e o crescimento da população.

¹² *L'Instruction du peuple* interessava particularmente ao Brasil. No livro, Laveleye afirma ser a instrução a questão mais urgente e mais importante de sua época. Defende a intervenção do Estado no ensino primário e a sua gratuidade traçando um panorama sobre o ensino em vários países da Europa, como a França, a Alemanha, a Dinamarca e a Espanha, fornecendo dados técnicos a respeito dos cursos aí ministrados, como o número de alunos, as matérias ensinadas, a quantidade de salas de aula e as normas de ensino adotadas em cada escola. Em 1870, segundo o economista belga, a população brasileira era estimada em 10.580.000 habitantes e o governo de D. Pedro II estabeleceu um sistema geral de escolas primárias que ele se esforçava para melhorar. Havia 3.378 escolas primárias com 106.624 alunos; 405 escolas de segundo grau, com 8.000 alunos, o que resultava em uma média de 1 aluno para cada 92 habitantes!

A citação presente na crônica de Lélío revela um conhecimento profundo da obra do barão de Laveleye. O título *Du vêtement humain* lembra muito os capítulos dos livros do economista belga, como *De la conservation des systèmes monétaires*, *De la richesse*, *De la valeur*, *Du rapport entre le salaire et l'accroissement de la population*. Na citação, lê-se: "*Je crois, avec de bons auteurs*". Não era o estilo de Laveleye. O antigo aluno de Leonce de Lavergne não emitia uma opinião baseada em "crenças", ele afirmava categoricamente seus princípios. Entretanto, fazia muitas citações, o que pode ter levado Machado de Assis a caricaturar essa tendência: Laveleye citava Montesquieu, Rousseau, La Fontaine, Voltaire, Bacon, Proudhon, Courier e Victor Cousin para provar suas ideias. Isso equivaleria a dizer que ele se apoiava em "*bons auteurs*".

Laveleye, cientista político e economista dos mais respeitados em todo o mundo, jamais sugeriria a supressão de um povo para resolver o problema da escassez do material. A solução desmedida, proposta pelo cronista brasileiro, revela uma ironia ácida, ao propor o genocídio para resolver o problema.

Talvez o que tenha inspirado o colaborador das "Balas de Estalo" (este sim, capaz de pensar em soluções absurdas para resolver problemas também absurdos), seja um comentário de Laveleye a respeito do trabalho:

*Supprimer du travail, et non l'accroître, tel est le but. Le libre échange l'atteint comme la machine. Donc, tous deux sont un bien: rien n'est plus évident. Mais il est des hommes qui vivent uniquement du travail. Le supprimez-vous, ils n'ont plus qu'à disparaître.*¹³

O verbo "*supprimer*" será novamente usado por Laveleye quando comenta as relações entre produção e consumo e aconselha a "*[s]upprimer les consommations réellement improductives*".¹⁴ Reaparecerá em um artigo da *Revue des Deux Mondes* (que o autor de *Dom Casmurro* costumava ler) de 15 de dezembro de 1882, intitulado: "*La démocratie et le régime parlementaire*" (traduzido pelo *Diário Oficial* e publicado na primeira página de *A Província de São Paulo*, de 21/02/1883), no qual o economista discute a implantação desse sistema e suas consequências: "*Les progrès économiques*

¹³ LAVELEYE, Emile. *Eléments d'économie politique*. Paris, Hachette, 1908. p.254.

¹⁴ Idem, p.260.

favorisent ceux de l'égalité. La machine est le tout puissant niveleur. Supprimez-la ou résignez-vous au triomphe de la démocratie".¹⁵

No mais, pura invenção. Ao tratar da morte de um grande jurista brasileiro, Machado de Assis tenta explicar a indiferença denunciada por Valentim Magalhães por meio de uma razão que, todos percebem, é absurda. Escrevendo em um francês perfeito, o "bilíngue" escritor carioca inventou o discurso de um economista respeitado, com bastante fidelidade ao espírito do autor, porque o conhecia profundamente. É certo que os leitores da *Gazeta de Notícias* conheciam o barão de Laveleye, um dos maiores colaboradores da *Revue des Deux Mondes*, citado tantas vezes por Rui Barbosa, o que demonstra o quanto de arbitrário pode haver no recurso ao "*magister dixit*". A "citação" absurda só pode mesmo ser vista sob o ângulo do pastiche, pois um de seus efeitos é realçar a discrepância entre a figura do jurista morto e a repugnante "providência" do genocídio.

Atualmente, é mais difícil perceber a reprodução do estilo de Comte ou de Laveleye; na época de Machado, distinguia-se mais rapidamente o pastiche, pois os autores imitados eram lidos então. O leitor do século XXI pode notar, à primeira vista, o conteúdo satírico das crônicas, mas não consegue reconhecer, de imediato, o talento machadiano de reproduzir a *maneira* do filósofo francês e do economista belga. Os leitores da *Gazeta de Notícias*, ao contrário, devem ter-se divertido ao ler essas duas "Balas de Estalo" de Lélío e identificado suas fontes.

A prática da paródia e do pastiche tornou-se comum no fim do século XIX. Com o fim do Romantismo,

des valeurs comme l'inspiration et le génie disparaissent au profit de conceptions plus "artisanales" de la littérature, dans lesquelles la réécriture, l'imitation des modèles reconnus sont considérés à nouveau comme des étapes nécessaires de la création. [...] D'autre part, après avoir voulu refléter le moi, puis la réalité, la littérature tend à s'auto-réfléchir, dans une conscience de plus en plus aiguë du déjà vu et du déjà lu.¹⁶

¹⁵ *Revue des deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1882. p.826.

¹⁶ SANGSUE, Daniel, cit., p. 22.

A leitura das duas crônicas analisadas neste trabalho leva, portanto, a um conhecimento mais profundo de uma época, em que o pastiche e a paródia passam a ser valorizados, pois também exigem do escritor criatividade, conhecimento e talento; e à descoberta de uma nova faceta de Machado de Assis, a de um cronista que se diverte ao escrever e faz rir seus leitores. Ao mesmo tempo, porém, a galhofa provoca reflexões, pois, em uma "Bala", Lélío critica o pedantismo de um articulista anônimo que, para justificar a folga acadêmica às quintas-feiras, cita Moisés, Cristo, Comte e Spencer; e na outra, denuncia a indiferença em relação à morte de Teixeira de Freitas e de José de Alencar.

Daniela Callipo
UNESP – Assis

Daniela Mantarro Callipo é professora de Língua e Literatura Francesa e pesquisadora na UNESP (campus de Assis). Especializando-se no estudo da presença francesa nas crônicas jornalísticas de Machado de Assis, publicou vários artigos a respeito do tema, além de escrever o livro *Rimas de Ouro e Sândalo: presença de Victor Hugo nas Crônicas de Machado de Assis*, que será publicado ainda em 2009, pela Editora Unesp.